

TRANSGREDINDO A NORMA PARA SE COMUNICAR: O CASO DOS RADICAIS GRECO-LATINOS NA FORMAÇÃO DOS NEOLOGISMOS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Éda Heloisa Pilla¹

RESUMO: *The article deals with the coinage of new words in contemporary Portuguese using the secondary meaning of Greek and Latin affixes such as “tele-”, “audio-”, “foto-” and “radio-”. The new semantic combination of those radicals, formed through the sociolinguistic dimension of language, proves, once more, that creation of neologisms belongs to the synchrony of language.*

PALAVRAS-CHAVE: *radicais greco-latinos, neologismos.*

As gramáticas brasileiras tratam-nos como radicais, alguns autores estrangeiros (PEYTARD, 1964) chamam-nos de prefixos, e nós nos referiremos a eles, tal como Guilbert (1975), como prefixais.

Na primeira acepção, “tele-”, “auto-”, “foto-” e “rádio” ocorrem nas formações “televisão” e “telefone”, “automóvel”, “fotossíntese” e “radiografia” designando, respectivamente, “a distância”, “por si mesmo”, “fogo (luz)” e “raio”.

Modernamente, esses prefixais passaram a ter um significado suplementar decorrente da combinação sêmica com aqueles radicais. Assim, das combinações “televisão” e “telefone”, por exemplo, derivou-se um novo radical abreviado. Hoje, “tele-”, em suas associações a várias bases, não mais significa “a distância”, como originariamente, mas “relativo a televisão ou telefone”. O novo semema, criado por extensão, tem sua motivação gerada na dimensão sociolinguística da língua, instalando um processo complementar àquele da criação original. A produtividade do elemento manifesta-se pela grande quantidade de formações em que ocorre e que ainda poderá ocorrer. Por hora citamos exemplos como: teledramaturgia, telebiografia, telegênico, telemarketing e teleprocessamento.

O campo prefixal completo comportaria três significados diferentes para “tele-”, a distância, por televisão e por telefone. Exemplos com esse último sentido ocorrem em: telefrango, telepizza, telentrega e teleamigos, para citar apenas alguns.

Deixando de lado a polêmica em torno de sua classificação, sob o ponto de vista lingüístico, o que nos parece relevante é a clara percepção de que a motivação do falante/ouvinte para criar/perceber as novas composições, é absolutamente sincrônica, e que o falante/ouvinte médio provavelmente desconhece o significado original do elemento em questão.

A relação sincrônica também dá conta do processo criativo através da estrutura frástica subjacente ao esquema lexical, um critério gerativista que fundamenta os processos neológicos contemporâneos. Nesse sentido, os casos acima examinados, formados por “tele-”, se inserem, primeiramente, na derivação sintagmática, constituindo um caso semelhante ao da composição, já que os radicais greco-latinos se substantivaram por ação da produtividade e como tais, ocorrem abreviados como em outros casos da língua a exemplo de “agroecológico”, “ecoturismo”, “infovia”, “eurozona” etc.

As singularidades das composições com “tele-” não se esgotam aí. As relações entre os dois termos das formações com esse elemento são bastante diversificadas. Ao explicitarmos exemplos com “tele-”, nos deparamos com as seguintes relações entre os constituintes.

C (constituente) 2 é representado em C1, como em telebiografia; telejornal e telessérie, onde o suprassignificado “por televisão” representa o sema essencial, com subcategorias realizadas e representadas pelos exemplos acima. Quanto a “tele-”, relativo a telefone, observa-se a seguinte hierarquia: sema essencial igual a “por telefone” e subcategoria igual a “entrega por telefone”.

¹Éda Heloisa Pilla é professora do Instituto de Letras da UFRGS

Nos exemplos abaixo, o primeiro representa o sema essencial, e os seguintes, as realizações particulares deste, estando todas englobadas pelo sema maior e geral (suprassignificado) “por telefone”:

telentrega - entrega por telefone,
telefrango - entrega de frango por telefone,
telepizza - entrega de pizza por telefone.

Caso semelhante ocorre com “auto-”, inicialmente significando “por si mesmo” (automóvel), que passou a ter um sentido secundário, uma resultante sêmica da relação de construção sintática justamente da formação acima citada e que vem reforçar nossa tese de que a produtividade imposta pela pressão social é uma das mais poderosas forças geradoras de novas criações lexicais.

Se considerarmos “auto-” como forma abreviada do substantivo “automóvel”, também o colocaremos na mesma categoria do caso anterior, ou seja, de um elemento secundário formador de compostos. Em “o financiamento é para comprar automóvel”, autofinanciamento, e “o rádio é para automóvel”, auto-rádio, explicitamos o composto através de sua representação parafrástica e concluímos ser da mesma natureza de “narcotráfico”, tráfico de narcóticos, por exemplo, onde, o fato de estar abreviado, em nada afeta o primeiro constituinte quanto a seu status como elemento autônomo do discurso em relação parafrástica predicativa com seu associado.

Por outro lado, muitas outras formações neológicas com “auto-”, onde este é usado com o sentido original do prefixal -por si mesmo, como em “autosserviço” e “autoatendimento”, curiosamente entraram no português por influência do inglês. Neste caso, trata-se de uma tradução literal da expressão inglesa “self-service”.

O caso de “foto-” não é diferente dos demais. Vemos que exemplos de neologismos coletados, como os que seguem, se formaram com base no elemento secundário cunhado pela associação de “foto + grafia” que, substantivado, constitui formações compostas como em: fotocopadora, fotomodelo, fotolevantamento e fotomontagem.

Vêm se somar a esses, por fim, as composições com “rádio-”, forma abreviada de “radiotransmissor”, derivado do radical latino designativo de “raio”, que também se tornou autônoma no nível do discurso. Em “radiocassete”, temos a parafrase subjacente “cassete para ser ouvida em rádio”.

Observa-se, pelo exposto, que as subunidades da língua também sofrem a ação da época, e é nessas condições que falante/ouvinte tem consciência delas. É com o valor que lhes é atribuído no momento da criação que elas entram na composição de novas unidades.

Nos exemplos acima citados, observa-se um caso de etimologia popular, responsável por interpretações simplistas - semi-análises, de formas conhecidas. A assimilação do novo significado, entretanto, deve ser correta, no sentido em que a entendemos como uma decorrência da consciência dos falantes e não de outro fator, nem mesmo da análise objetiva do linguísta. Esta pode ser subsequente à análise espontânea do usuário, mas não serve como norma no momento da criação.

Modernamente, para que haja uma formação híbrida (um elemento greco-latino e um elemento autóctone), observa-se uma sucessão de fatos linguísticos causada pela prática social. Inicialmente o elemento culto se torna autônomo, desvinculando-se dos elementos a que normalmente se associava. Ao se libertar daquela restrição, passa a se associar livremente a elementos não cultos.

Cabe citar, aqui, os casos formados com “-logia”, resultante do radical latino “logus”, inicialmente associado a componentes cultos como em “arqueologia”, “cardiologia”, “morfologia”, mas, correntemente, ocorrendo em formações não cultas do tipo “numerologia”, “museologia”, “arquivologia”, e até o curioso “ufologia”, formado por sigla estrangeira associada a elemento culto.

Quanto à ordem das formações com elementos cultos, aqui examinadas, ou seja, determinante/determinado, contrária à sintaxe vernácula, não se pode excluir a influência da forma de composição nominal inglesa, se observarmos a penetração provisória ou definitiva de vários empréstimos do inglês como “mass media”, “public relations”, “compact disc” e “shopping center”, impondo-se como modelo para novas formações.

O caráter da novidade ocasionado pela sintaxe diferenciada reforça o impacto, gerando a vitalidade expressional do modelo.

A criação lexical espontânea, realizada a partir de elementos cultos, destaca a apresentação morfológica como uma prova de que as idéias agrupadas no derivado perdem seu significado como itens isolados, passando a significar um conceito ou uma simbiose, e constata a ação de uma motivação utilitária altamente produtiva, evidenciada pelo surgimento de novos campos afixais motivados, sobretudo, pela analogia sincrônica.

A analogia sincrônica, por sua vez, determina que, no processo de derivação, os primeiros dados lexicais são fornecidos pelas palavras já existentes no léxico, sob a forma de morfemas simples ou morfemas construídos, mas que, a cada reinserção em novos esquemas, funcionam como morfemas simples, às vezes abreviados.

Vê-se, portanto, que a palavra é percebida pelo falante, sobretudo, em seu aspecto sociolingüístico, sendo aquele entendido como um ser pensante, membro ativo de uma comunidade, interagindo em várias situações, e cujo idioleto se forjou em sua memória ao longo de múltiplas experiências lingüísticas. Isto reforça o fato de que cada palavra integrada ao léxico de um sujeito falante pode entrar em várias relações em virtude das já existentes, podendo constituir uma nova base e, como elemento vivo e dinâmico da língua, engendrar outros derivados.

BIBLIOGRAFIA:

GOOSE, André. *La néologie française aujourd'hui*. Paris: Conseil International de la Langue Française, 1975.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

PILLA, Éda Heloisa. *Neologismos formais do Português contemporâneo: um enfoque psicossocial*. Tese de doutoramento, USP, 1993.